

# O esporte e o seu protagonismo na Educação Física escolar: experiência e reflexões do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

Renato Ribeiro Azevedo\* – Gabriel Gustavo Bergmann\*\*

**Resumo:** Desvincular Educação Física de esporte é uma tarefa difícil, e essa relação se torna evidente nas escolas, onde o conteúdo *esporte* é predominante. Assim, este texto tem como objetivo: a) analisar a literatura pertinente ao assunto e apresentar discussão a respeito de como este fenômeno pode ser trabalhado nas escolas; b) discutir sobre qual seria a maneira mais adequada de transmitirmos tais conhecimentos; c) apresentar as experiências e reflexões construídas através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), subprojeto Educação Física, da Universidade Federal do Pampa.

**Palavras-chave:** Educação Física. Esporte. Escola. Ensino.

## *Sport and its leadership in school Physical Education: experience and reflections of Institutional Scholarship Program of Initiation to Teaching*

**Abstract:** Unbind Physical Education and sport is a hard task. This relation become evident in the schools, where the sport content is predominant in the physical education classes. Then, this text had as objectives: a) analyze the relative literature of the topic and to show a discussion about how this phenomenon can be worked in the schools; b) discuss about what would be the most efficient way to transmit this knowledge to students; c) show the experiences and reflections lived during the Institutional scholarship Program of Initiation to teaching (PIBID), Physical Education subproject from Federal University of Pampa.

**Keywords:** Physical Education. Sport. School. Teaching.

## *Deporte y su liderazgo en la Educación Física de la escuela: experiencias y reflexiones del programa de Becas Institucionales en Iniciación a la Docencia*

**Resumen:** Desvincular la Educación Física y el Deporte es una tarea difícil, y esta relación es evidente en las escuelas, donde el contenido es el deporte predominante. Así que este texto dirigido a: a) revisar la literatura sobre el tema y presentar una discusión sobre cómo este fenómeno se puede trabajar en las escuelas, b) discutir cuál sería la forma más adecuada para transmitir ese conocimiento c) presentar las experiencias y reflexiones construidas a través de Programa de Becas de Iniciación a la Docencia (Pibid) subproyecto Educación Física de la Universidad Federal del Pampa.

**Palabras clave:** Educación Física. Deporte. Escuela. Enseñanza.

## Introdução

Diante do que vem sendo evidenciado (FORTES et al., 2012), o esporte se constitui no principal veículo da Cultura Corporal do Movimento (CCM) utilizado na escola, desde séries iniciais até as séries finais. Porém muitas são as discussões a respeito de como tal fenômeno é implantado nas escolas e quais seriam ou deveriam ser os objetivos do esporte dentro da Educação Física escolar. Várias são as formas como o mesmo é tratado pelos “pensadores” da Educação Física brasileira: alguns salientam as desvantagens em se

---

\* Bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid/Capes da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). *E-mail:* renatorazevedo@hotmail.com

\*\* Coordenador do subprojeto Educação Física do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – Pibid/Capes da Universidade Federal do Pampa (Unipampa). *E-mail:* gabrielgbergmann@gmail.com

aplicar o esporte dentro das aulas de Educação Física; outros ressaltam também as vantagens desse conteúdo.

Essa discussão não pode ser considerada recente, pois, ao realizarmos um levantamento, percebemos que se começou a discutir o esporte como ferramenta principal da Educação Física já na década de 70, chegando ao seu auge na década de 80, quando a chamada Educação Física esportiva tinha como objetivo formar atletas, sendo alvo de várias críticas. (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Diante disso, este texto, baseado em referências pertinentes ao tema esporte na escola, pretende apresentar e discutir posicionamentos de diferentes autores que se propuseram a refletir sobre um tema tão polêmico. Além de apresentarmos e discutirmos o posicionamento de diferentes autores sobre o esporte na escola, faremos uma reflexão a partir das experiências vivenciadas durante a realização das atividades do subprojeto Educação Física, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa).

## **Esporte na escola**

Podemos iniciar a discussão a partir de um ponto que nos leva a refletir. Por que o esporte é tão difundido dentro das escolas? Várias poderiam ser as respostas para essa reflexão, porém tentaremos não resolver essa questão, pois não há tamanha pretensão, mas apenas explicitar nossa opinião: trata-se de um fenômeno social de grande importância e também midiático. E é neste ponto que “mora o perigo”, pois para muitos a maior inconformidade com relação ao esporte na escola é torná-lo pura e simplesmente cópia de um esporte de excelência para o esporte escolar; porém, é um tema que discutiremos mais à frente. Voltando à popularização desse fenômeno, temos diversos outros fatores que, de certa forma, contribuem para essa “demanda” do esporte, que acaba sendo um conteúdo fácil de ser transmitido, com grande aceitação dos alunos e grande afinidade com os professores. Assim, questiona-se:

Tendo em vista que os currículos que formam os professores incluem disciplinas como dança, capoeira, judô, atividades expressivas, ginástica, folclore e outras, de acordo com a instituição, como explicar a pouca utilização desses conteúdos? Falta de espaço, de motivação, de material? Comodismo? Falta de aceitação destes conteúdos pela sociedade? Ou será que os professores desenvolvem somente os conteúdos com os quais têm maior afinidade? (BETTI, 1999).

Acreditamos que essas são as questões que mais aparecem para as pessoas que têm alguma relação com a educação em geral e que têm pouco conhecimento sobre quais realmente são os conteúdos que formam um curso de Educação Física, ou seja, professores, tanto da área quanto de outras áreas, pais e alunos. Porém, são questões que não têm respostas claras o suficiente para podermos afirmar que realmente o esporte é o “único” conteúdo desenvolvido na escola por este ou aquele motivo. Dentro daquelas alternativas que Betti (1999) mencionou, uma surge com força: é a que trata do

comodismo dos professores, causado, possivelmente, por um motivo bem-importante: a falta de valorização da classe dos professores. A pouca motivação desses profissionais acaba por levá-los ao simples, e o simples nem sempre é bom, como nesse caso. Isso pode tornar as aulas sem nenhum acréscimo para nossos alunos. Comodismo que acaba levando a outro fator também citado, que é a afinidade dos professores com algum conteúdo da Educação Física, pois, juntando a comodidade com a afinidade, teremos o que hoje é apresentado: professores ministrando aulas utilizando o conteúdo com o qual têm maior afinidade, e que, na maioria, é algum esporte, porém sem nenhuma preocupação com o objetivo geral da Educação Física escolar e sem princípios pedagógicos, apenas “largando a bola”.

Esse fato pode deixar ainda mais forte essa hipótese do comodismo dos professores e está em pesquisa feita por Fortes (2012), na cidade de Pelotas – RS, onde foram realizadas 240 observações de aulas de Educação Física, em 68 turmas. Os resultados dessa pesquisa mostram que os esportes coletivos foram os conteúdos mais frequentes das aulas, e a técnica de condução da aula mais utilizada foi o *jogo livre*, quando o tempo de aula se destinava a jogos; não havia instrução dos professores, e a participação era facultativa. Este último dado pode ser considerado um indicativo do pouco interesse dos professores com as aulas, não pela presença do *jogo livre*, pois será que esta é a melhor forma de se conduzir a aula? Ao menos cabem questionamentos. Mas o fato mais preocupante desse grande estudo se refere à prevalência dos comportamentos *outras tarefas* e *observando atividades* em relação aos professores e sua atuação durante as aulas. A expressão *outras tarefas* era utilizada quando “o professor realizava atividades não relacionadas com a turma que estava sob sua responsabilidade – por exemplo, ler jornal, ficar de costas para a turma quando saía do ambiente de aula, atender ao telefone e conversar com outras pessoas que não os estudantes”. (FORTES et al., 2012, p. 53). E a expressão *observando atividades*, utilizada quando “o professor monitorava toda turma, um grupo ou um indivíduo”. (FORTES et al., 2012, p. 27). Juntas, essas duas “características” totalizaram 51,1% das aulas observadas. Diante desses resultados, podemos ter uma breve amostra de como normalmente são caracterizadas as aulas de Educação Física, nas quais os professores parecem fingir que ensinam, e os alunos parecem fingir que aprendem.

A presença maciça do esporte dentro da escola não é o único nem o maior problema que enfrentamos, pois se o mesmo fosse trabalhado de maneira pedagogicamente organizada dentro das instituições de ensino, já teríamos um resultado satisfatório comparando com a atual realidade, pois, nessa, grande parte das aulas de Educação Física ministradas não apresenta planejamento, não leva em consideração o estágio de desenvolvimento dos alunos e raramente utiliza outros conteúdos que não os esportes coletivos, nomeadamente o futebol/futsal, o handebol, o voleibol e o basquetebol. Certamente, nesse contexto, devemos incluir as realidades tanto de espaço físico como de materiais disponibilizados para os professores, que, via de regra, são precários, mas que não servem como “desculpa” para que as aulas de Educação Física

não tenham um objetivo e não sigam uma ordem lógica. Então, se tivéssemos um esporte sendo pedagogicamente organizado, já teríamos o primeiro passo rumo a uma Educação Física melhor. Diante disso é fácil afirmar que, se nada for feito, se a Educação Física escolar brasileira não for repensada, se não for encarada com a atenção e o respeito que realmente merece, cada vez mais perderá força como componente curricular e, por fim, na mais trágica das situações, deixará de estar presente dentro das instituições de Ensino Básico, como já ocorreu nas de Ensino Superior e Médio.

Importante dizer que o esporte, enquanto fenômeno cultural, foi assimilado pela EF, inicialmente, sem que isto modificasse a visão hegemônica de sua (da EF) função social (desenvolvimento da aptidão física e do “caráter”), mas, paulatinamente, o esporte se impõe à EF, ou seja, instrumentaliza a EF para o atingimento de objetivos que são definidos e próprios do sistema esportivo. Este processo não vai ser acompanhado de uma reação crítica da EF, muito ao contrário, ele foi saudado como elemento de valorização da EF, que passa a ser sinônimo do esporte na Escola. (BRACHT, 2000, p. 39).

Como citado acima, o esporte, na sua evolução histórica dentro da Educação Física escolar, foi cada vez mais assumindo papel de destaque nesse contexto, chegando ao seu ponto máximo que é quando a Educação Física escolar vira sinônimo de esporte, aspecto que não é o ponto de maior preocupação conforme dito. O que mais preocupa não é somente a presença do esporte, mas a maneira como é trabalhado nas aulas e os valores que poderiam ser, mas que não são passados para os alunos.

### **Esporte na escola: muito mais do que saber fazer**

Além da tradicional dimensão procedimental desenvolvida nas aulas de Educação Física escolar, que abordam o esporte, outras características, como valores, poderiam ser tratadas com os alunos. Mas quais seriam os valores a serem trabalhados dentro do esporte na escola? Será que apenas ensinar a realizar os movimentos basta? Será que também não seria importante trabalhar outras dimensões com nossos alunos? Características tais como: orientá-los sobre o porquê de realizar os movimentos que integram o jogo; o que eles podem levar para o longo da vida através daquela prática; demonstrar o quanto é importante a colaboração de colegas para que os mesmos consigam praticar qualquer esporte, principalmente se for coletivo; ou, no caso de ser individual, a importância de ter um adversário.

Não valores, tais como: individualismo, racismo, passividade, agressividade, violência, entre outros, muitas vezes surgem a partir do esporte e poucas vezes são trabalhados nas aulas, não podem ser desconsiderados. Dialogar a partir de temas como esses e sobre ética, muitas vezes, apresenta extrema facilidade, mas é uma ação que passa despercebida aos olhos de professores, e os alunos acabam aprendendo apenas um esporte e não valores com o esporte.

Muitas são as discussões de como o esporte deveria ser implementado nas escolas e, em alguns casos, se realmente deveria fazer parte do conteúdo curricular da Educação

Física. Segundo Bassani et al. (2003, p. 28), “o século vinte foi do esporte, e tudo indica que o presente também se fixe em seus valores e normas, mantendo-o como uma de suas referências centrais”.

Se realmente tal afirmação está correta, será que temos que negar esse fenômeno para as crianças? Será que temos que adaptar o esporte para ser aplicado na escola? Será que o esporte da escola precisa de uma reformulação? Conforme Gaya (2000), o esporte, como conteúdo da Educação Física escolar, não necessita ser reformulado. O autor é da opinião que não é necessário minimizarmos características centrais do esporte, como o rendimento e a competição. Não obstante, podemos dar um exemplo contrário a este último citado, que é o caso de Kunz (1994). O autor, dentre outras, sugere como alternativa às provas de velocidade substituir o cronômetro para a medição do tempo por uma fita que, amarrada ao cabelo, exigiria uma determinada velocidade para que não toque no solo. Então, nesta última passagem, podemos notar que o autor tenta de alguma forma mudar características que aproximariam o esporte escolar do esporte competitivo, ou seja, um esporte que compare resultados, um esporte que busque a maximização de resultados e desempenho.

Diante disso, questionamos:

Na aprendizagem musical, seria necessário substituir o violino por um qualquer outro objeto, apenas por que o violino é utilizado na arte de excelência dos músicos da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre? Ora, se vamos ensinar atletismo, basquete ou handebol, e sendo possível, por que não utilizar os materiais apropriados? (GAYA, 2000, p. 133).

Dizer qual maneira é a mais eficaz para ensinarmos esporte dentro das aulas seria, de certa forma, muita pretensão. Porém, acreditamos que, se minimizarmos as características de competição dentro do esporte, pode também ser diminuída sua capacidade educativa, pois a competição não acontece somente no esporte ou na escola, mas está presente na vida de todos e se revela mais desafiadora a cada dia. Assim, nos parece que simplesmente retirar ou minimizar dita característica do esporte escolar seria desprezar algo com o qual os alunos possivelmente irão se deparar ao longo da vida. As experiências que o esporte pode proporcionar, a partir de vivências competitivas, podem auxiliar os alunos a lidarem com essa situação em diferentes ocasiões.

Todavia, é importante termos consciência de que não retirar essa característica (competição) não quer dizer que as aulas de Educação Física devam ser extremas e exclusivamente competitivas, ou que as aulas sejam usadas para o treinamento de uma equipe que irá representar a escola em determinada competição, pois isso é inaceitável. Fazer com que a aula se torne um treinamento é um erro, e esse erro, que infelizmente se repete muitas vezes, acaba sendo a causa da maioria das críticas, quando se refere à competição escolar, pois sabemos que poucos são os alunos que fazem parte de equipes de escolas. Se fizermos com que a aula se torne um treinamento, estaremos beneficiando uma minoria no universo de uma turma inteira. Os professores de Educação Física devem

sempre fazer com que o conteúdo que está sendo transmitido alcance o maior número possível de alunos, buscando não privilegiar poucos, desprezando muitos.

Nesse contexto, Gaya traz uma alternativa que ele próprio trata como polêmica, que é o esporte como disciplina do currículo complementar:

Sou adepto do esporte escolar como uma disciplina do currículo complementar. Entendo que à educação física cabe tratar da cultura corporal do movimento em sua maior amplitude. A dança, a ginástica, os jogos, a aptidão física referenciada à saúde, etc., devem ocupar espaço nos programas de educação física. Mas por outro lado, o esporte, como também a dança, pela sua importância cultural e social, assim como outras formas de expressão artística devem compor o currículo complementar. (2000, p. 74).

E afirma ainda:

Mas sublinho, esta disciplina, não se confunde com a formação das equipes escolares, ela tem como objetivo multiplicar a aprendizagem das modalidades esportivas não possuindo qualquer caráter de exclusão por critério de performance. Seu objetivo é possibilitar o acesso das crianças às práticas esportivas formais. (2000, p. 68).

Diante de tudo que foi apresentado e discutido, em nossa opinião fica claro que o esporte ocupa um espaço importante dentro da Educação Física. É um dever de todos os profissionais da área saber como lidar com esse poderoso instrumento educacional. É importante registramos que cada profissional vai escolher sua forma de trabalhar com o esporte. Porém, é importante que não seja esquecido que o esporte é uma ferramenta valiosa para alcançar o maior objetivo dentro das escolas: a educação. Diferentes posicionamentos sempre existirão sobre qual é realmente o papel do esporte na escola, mas, independentemente do ponto de vista, devemos ter claro que o esporte não é o único conteúdo que deve ser trabalhado na Educação Física escolar. Deve dividir espaços com as demais manifestações da CCM, pois todos eles precisam ser planejados para que os objetivos sejam alcançados. Ainda, o esporte e as outras manifestações da CCM não podem ser minimizados apenas aos aspectos técnicos e táticos. Embora sejam fundamentais, outras dimensões educacionais envolvidas com o esporte e as demais manifestações da CCM, como os conceituais e atitudinais, também devem ser explorados. Muitas são as concepções sobre o esporte na escola. Independentemente do posicionamento, talvez o mais importante seja o processo de reflexão que deve ser realizado acerca dessa temática.

### **Reflexões e experiências do subprojeto Educação Física do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência**

Planejamento é uma palavra bastante utilizada em vários discursos dos “pensadores” da Educação Física, porém muito pouco utilizada pelos professores de Educação Física escolar. Diante desse fato, e ainda preocupados com a qualidade das aulas apresentadas para os alunos do Ensino Fundamental e, propondo dar maior vivência

para os acadêmicos do curso de Educação Física da Universidade Federal do Pampa, foi elaborada uma proposta de subprojeto Educação Física do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Esse subprojeto tem como objetivo maior dar uma oportunidade para que os acadêmicos, mesmo antes dos seus estágios obrigatórios, ou até mesmo durante eles, tenham uma visão de “dentro para fora” sobre qual é a verdadeira realidade, tanto no que se refere à dificuldade de se ministrar as aulas quanto em relação à estrutura e aos materiais oferecidos para a realização das aulas. Então, de maneira aleatória, foi escolhida uma escola da rede pública da cidade de Uruguaiana – RS e selecionados 10 acadêmicos (bolsistas de Iniciação à Docência) para a realização do projeto.

O Pibid subprojeto Educação Física foi dividido da seguinte forma: observação, planejamento, coatuação e atuação. A observação foi feita a partir de uma ficha também de observação elaborada, para que as aulas observadas fossem registradas seguindo um mesmo *roteiro de observação* entre elas. Sendo assim, cada acadêmico analisou no mínimo 30 aulas. Considerando que são dez acadêmicos participando do projeto, tivemos no mínimo 300 aulas observadas. A partir dessas aulas, foi possível traçar um panorama de como eram dadas as aulas de Educação Física na escola. Tendo como base todos os dados coletados, uma das fases mais importantes foi iniciada: o planejamento de conteúdos e aulas para o ano letivo que estava por começar (2012). Então, essa etapa foi realizada tomando como base: os dados das observações feitas; as reuniões do grupo; e as leituras e os estudos dirigidos. A partir desses procedimentos, o planejamento foi criado. A tentativa foi finalizada com o intuito de englobar a maior parte possível das manifestações que fazem parte da CCM. Com relação ao esporte, o planejamento contou com todos os esportes tradicionais (futebol, futsal, handebol vôlei e basquetebol), e também com algumas de suas variações, como handebol de areia, futebol de areia, entre outros. Além disso, esportes de raquete, esportes individuais (centrados principalmente no atletismo), esportes radicais e esportes não tradicionais de nossa cultura (nomeadamente o *rugby*) também fizeram parte. Com o planejamento pronto, foi iniciada a fase de coatuação, em que tudo que foi planejado começou a ser colocado em prática.

Dentro desse contexto, estavam inseridos os esportes. Nessa etapa, os acadêmicos auxiliavam os professores da escola durante as aulas. Dessa forma, tinham a oportunidade de ter contato com as dificuldades de conduzir toda uma turma, embora ainda não estivessem atuando como responsáveis pelas mesmas. Encerrada a fase da coatuação (final do primeiro semestre de 2012), teve início a última fase do projeto, que foi a atuação principal dos bolsistas de Iniciação à Docência perante os alunos e assumindo as aulas de Educação Física das turmas acompanhadas. Foi possível perceber que, por mais que os esportes (principalmente os coletivos) sejam uma das principais manifestações da CCM utilizadas nas aulas de Educação Física escolar, a dificuldade de se trabalhar tanto aqueles já citados como os mais tradicionais, bem como suas variações e outros esportes menos tradicionais, é muito grande e se torna cada vez mais complexa. É importante planejar como será transmitido aos alunos o esporte, seguindo uma sequência pedagógica

(do mais simples para o mais complexo), tentando englobar os procedimentos técnicos, táticos e as regras básicas que compõem cada esporte, aliando questões conceituais e atitudinais e realizando *links* com os temas transversais que fazem parte da educação como um todo. Assim, entendemos que o Pibid é uma importante ferramenta de formação para os acadêmicos dos cursos de licenciatura, em geral, e de Educação Física, em específico, mas também como um meio de contribuir para a comunidade escolar, num primeiro momento apenas na(s) escola(s) selecionada(s), mas com grande possibilidade de ser expandido para outras escolas.

### Considerações finais

Tentar dissertar a respeito de um tema tão complexo e de grande apelo social, cultural e também emocional, com certeza, é uma tarefa difícil, ainda mais quando este tema: *o esporte na escola* há muito tempo vem sendo discutido sem que seja alcançado consenso. Por um lado, pode ser interpretado de forma positiva, pois assim se vai discutindo e aperfeiçoando cada vez mais o *processo* de como inserir o esporte na escola. Por outro lado, podemos interpretar de forma negativa, pois não temos um norte definido a respeito desse assunto, o que pode, muitas vezes, fazer com que o esporte na escola seja maldirecionado e interpretado. Os equívocos educacionais cometidos por professores e pessoas responsáveis pela Educação Básica, especialmente a Educação Física, são prejudiciais aos alunos. Ao considerarmos a Educação Física como um sinônimo de esporte, estamos subestimando a mesma e esquecendo todas as demais manifestações da CCM. Devemos estar cientes de que o esporte precisa continuar como um dos conteúdos escolares da Educação Física, até mesmo por ser uma prática culturalmente consolidada. Contudo, não pode ser o único conteúdo a ser transmitido para os alunos. Afinal, a Educação Física não é só esporte e também não pode ser considerada a Educação Física sem ele.

### Referências

- BASSANI, J. J.; TORRI, D.; VAZ, A. F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, 2003.
- BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso professor? *Motriz*, v. 1, n. 1, p. 25-31, jun. 1999.
- BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Revista Movimento*, Porto Alegre, ano VI, n. 12, 2000/1.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- FORTES, M. O. et al. A Educação Física escolar na cidade de Pelotas – RS: contexto das aulas e conteúdos. *Revista da Ed. Física – UEM*, v. 23, n. 1, p. 69-78, 1º trim. 2012.
- GAYA, A. Sobre o esporte para crianças e jovens. *Revista Movimento*, Porto Alegre, ano VI, n. 13, 2000.
- KUNZ, E. As dimensões inumanas do esporte de rendimento. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 10-19, 1994.
- LOVISOLO, H. Mediação: esporte de rendimento e esporte da escola. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. VII, n. 15, p. 107-117, 2001.



STIGGER, M. P. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte da escola. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. VII, n. 14, p. 67-86, jul. 2001.

VAGO, T. M. O esporte na escola e o esporte da escola da negação radical para uma relação de tensão permanente. *Revista Movimento*, Porto Alegre, ano III, n. 5, 1996/2.